E. Bernard ALLO, O. P.

“UT NON EVACUETUR CRUX CHRISTI”.

A MORTE DE CRISTO
E A MORTE DOS DEUSES.

Tradução:
Felipe Arnellas Coelho

Sampa
2018

“UT NON EVACUETUR CRUX CHRISTI”[1]. A MORTE DE CRISTO E A MORTE DOS DEUSES.[2]

Paulo expõe sua doutrina da Cruz com uma audácia provocante. Ele sabe que ela choca a um só tempo os judeus e os gentios; longe, porém, de se intimidar com isso, ele faz questão de iluminar com crueza este que é o grande paradoxo, tanto de seu apostolado como de todo o cristianismo. Um lutador como ele não recua. Todavia, não é ao instinto combativo do antigo fariseu que se deve atribuir essa atitude, mas à convicção de que não há nada tão poderoso quanto este paradoxo para esclarecer e converter judeus e helenos.

É sua experiência própria, antes do mais, que lhe havia ensinado isso.

Quando era chamado Saulo, era um jovem israelita fervoroso e muito instruído, maravilhosamente dotado para a ciência e para a ação de propaganda, e que havia justificado a si mesmo por meio de reflexões racionais todas as prevenções de sua raça (*Gál.* I, 14). Se a sua educação grega em Tarso impedia-o de professar com relação aos gentios a aversão desarrazoada e brutal dos outros rabinos, se ele queria talvez, já então, trabalhar pela salvação dos helenos, ele acreditava firmemente, como tantos outros intelectuais da Diáspora, que essa regeneração do mundo dependia da dominação perfeita de Israel no terreno da política e das ideias conjuntamente, predominância que os Profetas haviam prometido ao seu povo. O “Reino de Deus” não podia estabelecer-se senão pelo “Reino dos Judeus”. Nessa época, todas as desventuras da nação só tinham feito sobre-excitar a expectativa messiânica, temporal e espiritual a uma só vez. Quer o Messias devesse ser o grande rei pacificador dos *Salmos de Salomão* ou o ser celestial do *Livro de Henoque*, esse “Escolhido” ou esse “Filho do Homem” que viria pôr um fim ao mundo presente, o papel dele nunca era concebido doutro modo que não como um puro triunfo. Insistia-se muito nos sofrimentos dos justos, estes eram pintados com cores às vezes quase desesperadas, mas a glória do Messias lhes devia servir de compensação e os transformar em felicidade. Jamais teólogo ou visionário dessa época teria admitido que esse Messias devesse ele próprio

---

1. [N. do T. — Cf. I *Cor.* I, 17; literalmente, “a fim de que não fique esvaziada [de sua força] a cruz de Cristo”; noutras traduções: para que não se torne inútil, para que não perca a eficácia, para que não se prive de seu valor, para que não se desvirtue a cruz de Cristo.]

2. [N. do T. — Fonte desta tradução: E.-B. ALLO, O. P., *Saint Paul. Première Épître aux Corinthiens,* 2.ª ed., Lecoffre, Paris 1934, p. 33-38: “*Excursus* II. « Ut non evacuetur crux Christi ». *La mort du Christ et la mort des dieux*.”]

expiar antes de tudo as culpas do mundo, nem sequer as do povo israelita (ver *Lagrange*, "Le Judaïsme avant Jésus-Christ", pp. 384 ss.). A profecia tão clara e impressionante de Isaías sobre o "servo de Iahweh" (*Is.* LIII), e algumas outras que dela se aproximam, eram aplicadas seja às provações históricas do povo ou de seus grandes personagens, seja completamente desviadas de seu sentido. Nada mais significativo, por exemplo, que o *Targum do Pseudo-Jonathan* (v. *Lagrange*, loc. laud.) sobre os capítulos do "Servo": muito longe de ser um cordeiro que é imolado, é ele que conduzirá ao matadouro as nações! Ao Messias não podiam caber senão manifestações de poder, σημεῖα [*semeia*, "sinais"] (*Mat.* XII, 38; XVI, 1) ou vitórias. Quando essas ambições muito terrestres se tiverem moderado mais tarde, [o rabino] Trifão dirá ainda, em nome de todos os seus correligionários (*Justino*, "Diálogo", LXXXIX, 1, 2): "Fica sabendo bem que toda a nossa raça espera o Cristo, e que, todas as Escrituras que tu citaste [que falam da morte do Cristo], nós reconhecemos que foram ditas a respeito dele. Além disso, o nome de Jesus ["Salvador"], que foi dado como sobrenome ao filho de Navê[3], me toca… Mas, sobre a questão de saber se o Cristo há de ser desonrado até ao ponto da crucificação, nós duvidamos; porque na Lei está dito, do crucificado, que ele é maldito (cfr. *Deut.* XXI, 23, e *Gál.* III, 13), e, no momento, eu não acreditaria facilmente em tal coisa. É um Cristo sofredor que as Escrituras anunciam, evidentemente; mas, que se trate de um sofrimento maldito na Lei, nós desejaríamos saber se assim o podes demonstrar-nos" ([trad. port. da francesa] tradução de Archambault).

Não é impossível que o inteligente jovem rabino de Tarso tenha sido sempre um "moderado" à maneira de Trifão (nós não o afirmaríamos, porém). Mas havia o fracasso do Messias dos cristãos, seu fracasso e sua desonra do Calvário! Que importava que em seguida uns tais discípulos seus, fanáticos alucinados se não era possível acreditá-los impostores, tenham pretendido tê-lo visto ressuscitado? Essa ressurreição precisaria ter sido mais certa e mais notável, se havia de servir ao "Reino de Deus" por Israel. Saulo, se não tinha visto Jesus, conhecia os cristãos, Estêvão entre outros, pelas discussões nas sinagogas helenísticas. Eram talvez a seus olhos boa gente, mas tanto mais perigosa então, com seu "Messias crucificado" que não pudera ser, este, mais do que um doce iluminado pernicioso. Quando vemos, em nossos dias, sábios israelitas tão moderados

3. [N. do T. — Nave em grego, Nun em hebraico: pai de Oseias, rebatizado *Josué* (Jesus) por Moisés; cf. *Eclo.* XLVI, 1; *Núm.* XIII, 16; I *Cron.* VII, 27.]

e consciênciosos como o *Dr. Klausner*[4] procurarem demonstrar que era lógico e inevitável que os chefes do judaísmo ortodoxo dessem cabo de um profeta como Jesus, que sem dúvida honrava a raça deles e não queria destruir-lhes a religião, mas enervava o que sempre tinha constituído a força de resistência da nação, desviando-a, com o ideal puramente ético dele, do apego aos seus quadros religiosos, ao material de sua Lei e, com isso, de suas esperanças de duração e de dominação, compreendemos então os raciocínios e as disposições do jovem Saulo, — ao qual, ademais, a proximidade dos fatos fornecia, sobre a novidade dos ensinamentos de Jesus e sua oposição às aspirações nacionalistas, uma apreciação mais exata que a do Dr. Klausner. Supondo, pensava ele, que o povo se ponha a seguir esses sonhadores, é o fim de nossa vocação de judeus, e, por consequência, da esperança do mundo. Deus não podia permitir semelhante bancarrota; era preciso todavia haver homens, verdadeiros fiéis, que cooperassem com a Providência. "Salus populi suprema lex" ["A salvação do povo é a lei suprema"], dizia consigo esse rabino e esse cidadão romano, com mais boa-fé do que Caifás. Logo, Jesus tinha sido crucificado justamente, Estêvão justamente lapidado; estava em jogo o futuro da religião, e a conversão prometida dos gentios ao Deus de Israel. Com toda a decisão, a violência também e o orgulho de seu forte temperamento, depois com toda a sua convicção religiosa, a sua ciência de rabino iniciado igualmente no helenismo, a sua lógica e a sua generosidade mesmo mal empregada, Saulo tornou-se — acreditando agir bem, vide I *Tim.* I, 13 — o perseguidor que se sabe. Foi por *pavor e horror da Cruz*; oriundo não, por certo, de uma fraqueza de tímido ou de sensual, mas de um zelo cego pelos interesses de Deus, de Israel e da humanidade inteira.

O acontecimento do caminho de Damasco transtornou de uma só vez todo esse sistema de pensamento e de conduta. Saulo *viu* que o Messias dos cristãos estava verdadeiramente ressuscitado, e, portanto, que Deus havia aprovado a sua obra, e que tudo o que ele tinha dito e prometido era certo, o verdadeiro cumprimento das profecias, enquanto que as autoridades de seu povo se extraviavam na sua interpretação. Bem mais, Jesus era o Filho de Deus, ele próprio o Todo-Poderoso igual a seu Pai. Como homem, ele tornara-se o chefe do mundo, no presente e por todo o futuro. E essa exaltação de sua humanidade, ele a ganhara — como Saulo, feito Apóstolo Paulo, escreverá um dia aos filipenses (*Fil.* II, 9-11) — pelo seu aparente fracasso, pelo infamante suplício que parecia

4. Joseph KLAUSNER, *Jesus de Nazareth*, traduzido do hebraico em francês, 1933.

condená-lo, a ele e suas pretensões e sua obra, a um opróbrio e um esquecimento eternos. Dizendo: “Saulo, por que tu *me* persegues?”, Ele havia declarado que Ele vivia nos que acreditavam n’Ele, e que, apesar da humilhação deles, apesar das perseguições que sofriam, e, bem mais, justamente por meio delas, Ele os associava à sua grandeza e ao seu poder. Nada podia ser mais louco; mas essa loucura era verdadeira, era “a Verdade”, porque era uma loucura de que tinha sido acometido o próprio Deus, e era a última palavra de sua revelação aos homens. Então, ao fariseu completamente “convertido”, ou seja, “revirado” de uma só vez na base de seus pensamentos e de seus sentimentos e de sua vontade, Deus, capaz de atingir seus fins por tais meios, revelou-se ainda muito mais misericordioso, maior e mais sábio do que ele até então o havia imaginado. Toda sabedoria e todo poder humano se apagavam perante estes, capazes de realizar a glória e a felicidade até por meios que, por sua natureza, não prestam senão para destruí-las. Saulo pôs-se a amar e a venerar a Cruz tanto e mais do que a havia desprezado e odiado. E daí em diante foi sempre sob este aspecto, enchendo-o sempre duma confusão, duma admiração e duma gratidão renovadas, que se mostrou a ele o Deus Salvador: Aquele que reina, Aquele que salva e que glorifica PELA CRUZ.

Ele seguramente pensou que o argumento divino que tinha podido, num arroubo, transformar um homem como o que ele sempre se recordava de ter sido, seria o mais eficaz de todos para converter judeus e pagãos. E ele se decidiu a pregar por toda parte o “escândalo” e a “inépcia”. A “sabedoria” normal, proporcionada ao espírito natural, de que Israel recebera o depósito e os gentios certas luzes, não fora inteiramente destruída, mas era completamente insuficiente para discernir o plano de Deus; ela conservava realmente um valor de preparação, mas seu mais alto esforço levava as pessoas sinceras até a beira de um mistério, de um abismo aonde deviam, para serem verdadeiramente sábias, precipitar-se tornando-se “loucas” com a Sabedoria incriada. Paulo pregou em Listra e em Atenas os argumentos da teodiceia natural, enquanto não atinava para nada melhor; em todos esses lugares, teve de reconhecer que para impressionar a fundo as almas era preciso fazer outra coisa, e proclamar sem rodeios a “loucura da Cruz”, para destruir a falsa suficiência dos argumentos humanos. Isso que havia determinado a sua conversão é que havia de determinar a dos outros. Se nos inícios de sua carreira de apóstolo e até sua passagem pela Tessalônica ele parece ter insistido de preferência no retorno futuro de Cristo como rei glorioso, ele viu que, quanto mais os auditórios eram materiais, ou quanto mais se gabavam de sabedoria,

mais era preciso insistir então, antes de tudo, no que Deus havia estabelecido como a preparação necessária dessa glória: a Paixão. Diante dos olhos dos gálatas ele pinta com as mais vivas cores Cristo na cruz (*Gál.* III, 1). E, na cidade perversa e pretensiosa de Corinto, ele compreende logo de cara que não havia outro meio senão este para arrancar as almas à sensualidade, à vaidade intelectual, à baixeza delas; ele não quis, afirma ele, conhecer entre essas pessoas, pagãos grosseiros e sutis ao mesmo tempo, senão a "Jesus Cristo, e este, crucificado" (II, 2). Pondo-os brutalmente, por assim dizer, em face do paradoxo que devia parecer-lhes o mais insensato, ele logo obtém um êxito muito maior que com seus itinerários prudentes no Areópago de Atenas. Evitando tudo o que pudesse parecer, a olhares superficiais, "despojar a cruz de Cristo" (I, 17) pelo seu velamento maior ou menor debaixo de meios humanos de convicção, ele apresenta-a nua e crua, em toda a sua força de sedução divina. Tudo o que pudesse ter criado ilusão, em detrimento de sua eficácia única, era assim descartado.

E é a base essencial de toda apologética "convertedora", aquela de que os mais profundos defensores da verdade cristã, como Pascal, só puderam se apropriar na medida deles. Não tocamos o fundo da teodiceia a não ser quando aí chegamos. Doutro modo, o "problema do mal" permanece sempre um problema mais ou menos opressor, e os cristãos piedosos, ou mesmo pensadores, mas cujo pensamento piedoso repugna ao trágico e que não são bastante sensíveis a essa demonstração suprema do necessário "caminho da cruz", sofrerão sempre, em determinados momentos, a tentação de se perguntar se Deus não errou a mão na sua obra.

A experiência de Paulo é só o que explica, de forma necessária e suficiente, como foi que esse antigo fariseu pôde se tornar "o Apóstolo da Cruz" por excelência, e o incomparável "Doutor dos Gentios".

Sim, mas a julgar por certas escolas modernas, Paulo mais não fazia que ir, assim, ao encontro das aspirações religiosas que esses gentios — diferentemente dos judeus — professavam de longa data, em virtude de sua especial misticidade. Também eles, nos Mistérios que eram a quintessência de suas religiões, tinham por hábito depositar a sua confiança em deuses mortos e ressuscitados. Paulo só teve de concretizar esses sonhos na pessoa histórica de Jesus, a fim de obter audiência de todas as almas helênicas sinceramente religiosas. Sua psicologia explica tudo sem milagre.

Contra essas teorias, cumpre afirmar com segurança que o Apóstolo da Cruz não tomou de empréstimo nada aos pagãos. O jovem tarsense, filho de fariseus, aprendera bem demais, desde a infância, a desprezar os erros dos gentios, e não era o culto de sua cidade natal, a pira de Sandano ou a tauroctonia de Mitra, que teria podido abrandar essa repulsa. Se ele algumas vezes faz alusão aos Mistérios, como pode-se acreditar analisando os capítulos XII e XIV de nossa epístola [I *Cor.*] (v. *ad loc.*), é para depreciá-los e envergonhar os fiéis dele por terem conservado certas maneiras que lembram as dos iniciados. Na *Epístola aos Efésios* (V, 11-12), os Mistérios ou as cerimônias gnósticas, que a eles se assemelham, são qualificados de "obras infrutíferas das trevas".

A ideia de uma morte divina sofrida voluntariamente pela salvação dos homens nunca existiu, aliás, em nenhum culto antigo. Se não se quiser falar de nada além de mitos referentes a sofrimentos, a uma morte e glorificação subsequente de divindades ou de heróis que podiam servir aos homens, não como redenção, mas como modelo e encorajamento a suportarem suas aflições e a morte, seria preciso provar — e não se o consegue — que esses mitos ocupavam um lugar importante, antes dos séculos II ou III, na religião dos pagãos. A ressurreição da carne, sobretudo, era uma ideia muito impopular. Nenhum dos "deuses mortos", nem Átis, nem Adônis, nem mesmo Osíris, tinha, falando propriamente, recuperado vivo o seu corpo depois que este fora posto no sepulcro; somente a essência imortal deles tinha sido glorificada, havia se munido de um corpo celeste e novo. A ideia de uma ressurreição corpórea fazia rirem sem polidez os intelectuais de Atenas (*At.* XVII); se tivesse sido tão espalhada, Paulo não teria tido essas dificuldades que nos revela o capítulo XV de nossa epístola [I *Cor.*] para fazê-la entrar na convicção de todos os batizados.

Mas a morte que tivera de preceder a glorificação [de N. S. J. C.], e acima de tudo *aquele gênero de morte*, eis o que devia ser para todos os pagãos objeto de escândalo ou de irrisão. "Em nenhum mistério helenístico", diz K. L. *Schmidt*[5], "se acha qualquer analogia com a Cruz". Só o nome dela já causava horror; na sua apologia "em defesa de Rabirius", 5, Cícero (citado por *Meyer-Heinrici*[6]) exclama: "*Nomen ipsum*

---

5. Ver K. L. SCHMIDT, *Der Apostel Paulus und die antike Welt*, p. 56-s. (Bib. Warburg, Vortr. 1924-25).

6. [N. do T. — "*MEYER, *Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament, V u. VI.* 1.ª edição 1839-1840. A partir da 6.ª edição (1881), a obra foi retrabalhada por Heinrici[, Georg; "crítico bastante moderado"], e é citada como *MEYER-HEINRICI; 8.ª ed. em

crucis absit non modo a corpore civium romanorum, sed etiam a cogitatione, oculis, auribus!" [Tradução livre: "A própria palavra 'cruz' deve ficar longe não só da pessoa de um cidadão romano, como de seus pensamentos, de seus olhos e de seus ouvidos!"] Na Grécia, pagãos verdadeiramente piedosos e serenos, como *Plutarco*, consideravam já inconveniente atribuir aos deuses desventuras trágicas; mas o que teriam pensado de um suplício desonroso como a crucificação, reservada aos escravos, aos rebeldes, aos salteadores? São *Justino* ("Apol.", I, 53, 2) pergunta: "Com que argumento se nos faria crer num homem crucificado… se não tivéssemos encontrado… testemunhos…?", e alhures constata (22, 3) que os pagãos acusam os cristãos de loucura (μανίαν ἡμῶν καταφαίνονται [*manian hemon katafainontai*]) por colocarem após Deus um homem crucificado. Será igualmente o sarcasmo de *Luciano* no seu "*De morte Peregrini*" contra esses indivíduos que "*adoram seu sofista empalado*"; e muitos outros textos, em *Celso* ou alhures, mostram suficientemente o que pensava do Deus dos cristãos, por causa da sua morte na cruz, a opinião pública dos pagãos assim como a sua opinião culta. É que já não deparavam com o infortúnio privado de um ser mítico, com uma aventura trágica ocorrida entre deuses e heróis, que nada tinha de desonroso e que a apoteose reparara logo em seguida; o suplício do Gólgota significava o fracasso e a infâmia de um personagem público, que tinha podido ser visto fazia menos de trinta anos, que havia estado mesclado aos homens, e do qual todas as esperanças, todas as promessas, poder-se-ia crer, tinham sido desmentidas, abismadas numa derrocada ridiculamente lamentável.

Está aí o que a opinião pagã nem judaica não podiam tolerar, e ao que certamente ninguém teria encontrado nada de semelhante em nenhuma mística contemporânea de renúncia. Está aí o que Paulo se pôs a pregar — como os outros, mas insistindo mais do que eles todos nessa cruz odiosa; porque ele mostrava nela a prova deste fato pasmante, que Deus, para

1896. — Heinrici teve o mérito de procurar interpretar Paulo situando as cartas no ambiente histórico do helenismo, método que se impôs desde então a quase todos os críticos. — A partir da 9.ª edição (1910), foi [o escatologista *]*J. Weiss* quem a continuou…" (*Loc. cit.* [na nota 2, *supra*], p. CI-CII).

Essa apreciação, feita pelo nosso autor, encontra-se em seção da bibliografia assim introduzida por ele: "PROTESTANTES E INDEPENDENTES. — Fora da Igreja, a atividade exegética não foi pequena, e, se não esclareceu melhor para nós o fundo doutrinal do ensinamento do Apóstolo, contribuiu ao menos para nos fazer enriquecer muito os nossos conhecimentos do ambiente material e espiritual onde São Paulo exercia seu apostolado. O problema de suas relações com o mundo religioso helenístico foi analisado de todos os ângulos, e, no fim das contas, graças aos exegetas ou apesar deles, daí surgiram luzes a seu respeito." (*Id.*, p. CI).]

nos salvar, tinha descido em pessoa ao mais profundo abismo de nossas misérias, "*ut impleret omnia*" ["para preencher o universo"][7] (*Ef.* IV, 10), de sorte que ninguém estivesse tão baixo que não O encontrasse à sua altura e não fosse convidado a subir até Ele.

Era a revelação de uma Sabedoria e de um Poder com que não poderiam ter sonhado os homens mais sábios, porque elas haviam sabido utilizar, para conduzir as criaturas à felicidade e à glória, daquilo que devia, por natureza, junto do pecado, fazê-las cair mais longe da glória e da felicidade.

Paulo tivera, dessa verdade inaudita, experiência mais direta do que ninguém, ele que dela parecia ser menos capaz do que ninguém; ele sempre dela se recorda comovido e exultante, e é por essa razão que teve tanta urgência de comunicar aos outros, com tamanho ardor de convicção e de eloquência, a ciência da Cruz, Sabedoria de Deus e Poder de Deus.

---

7. [N. do T. — Diversamente traduzido como: "para/a fim de encher/plenificar/cumprir/dar cumprimento a/preencher/completar todas as coisas/tudo/o universo".]